



A F Y A E D U C A C I O N A L
Uniredentor

PSICOLOGIA

ANA PAULA LOPES PINHEIRO

**AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE ESPIRITUALIDADE QUE OS
PSICÓLOGOS DE ITAPERUNA/RJ POSSUEM E SUAS IMPLICAÇÕES NA
PRÁTICA CLÍNICA.**

Itaperuna/RJ

2021

ANA PAULA LOPES PINHEIRO

**AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE ESPIRITUALIDADE QUE OS
PSICÓLOGOS DE ITAPERUNA/RJ POSSUEM E SUAS IMPLICAÇÕES NA
PRÁTICA CLÍNICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à UniRedentor como
parte dos requisitos para a
obtenção do título de Bacharela em
Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Davis Anzolin Lichote

Itaperuna/RJ

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

Acadêmica: ANA PAULA LOPES PINHEIRO.

Título: AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE ESPIRITUALIDADE QUE OS PSICÓLOGOS DE ITAPERUNA/RJ POSSUEM E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA CLÍNICA.

Natureza: Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Objetivo: Título de Bacharela em Psicologia.

Instituição: UniRedentor.

Área de Concentração: Psicologia.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Me. Davis Anzolin Lichote

Orientador

Instituição: UniRedentor – Itaperuna/RJ

Prof.^a M.^a Alessandra Tozatto

Instituição: UniRedentor – Itaperuna/RJ

Prof. Dr. Edson Ribeiro de Andrade

Instituição: ISECENSA – Campos/RJ

A Deus, a Ele dedico o meu ser-psicóloga.

AGRADECIMENTO

Ao decidirmos seguir pelo trecho da formação superior da estrada chamada Vida, deparamo-nos com sinalizações que não conhecemos, caminhos que se bifurcam, pedaços sem calçamentos e até com alguns buracos e, também, acidentes geográficos, uns belos e outros que até trazem certo medo. E as paisagens? São variadas e de diversas cores, frias e quentes, fracas e intensas. Isso faz com que experienciemos alguns sentimentos conhecidos e outros nem tanto, fazendo com que em algumas paradas desejemos ali ficar e não seguir adiante. Só que o horizonte é tão belo, que ficamos admirando e pensando: Conseguirei chegar lá?

Eu escolhi esse trecho da formação superior e não apenas uma, mas várias vezes eu parei e pensei: Conseguirei? Conseguirei, finalmente, depois de tantas tentativas, obter um diploma de nível superior?

E hoje posso dizer que CONSEGUI!

Mas não sozinha.

Sou grata ao Ruy, amado do meu coração, que durante esses anos foi o meu maior incetivador e, principalmente, jamais permitiu que meus arroubos de desistência do percurso fossem concretizados; sou grata à Karina e ao Kemuel, que desde os seus nascimentos preencheram meu viver com sentido de ser-mãe; sou grata ao Ignael Muniz (Que não foi um professor na instituição, mas fora dela, com certeza!), à Denise Mello, ao Davis Lichote, à Camila Paiva, à Leandra Cardoso, ao Maxwell Soares e à Alessandra Tozzato, que me proporcionaram o conhecimento das sinalizações da estrada e como caminhar nos pedaços que se mostraram mais difíceis, além de apontarem sempre para o horizonte e mostrando que ele era alcançável; sou grata ao De Tudo — Virna Lisi (Amiga de antes e de durante, da vida e do viver.), Letícia Costa, Brunna Arantes, Carlos Henrique Rozeira (Rico) e Isabella Lessa (Bela) (Quantos trabalhos, artigos e apresentações juntos!) —, de colegas de turma se tornaram amigos para a vida, bem como foram suporte nos momentos que minhas pernas ficaram cansadas, proporcionaram as melhores gargalhadas e permitiram o choro quando necessário; sou grata ao Papo de Meninas — Nélia Fonseca, Carollyne Godoy e Eliane Soares, amigas-irmãs que nos dias que eu me sentia mais fadigada, saíam de suas casas para tomarmos um cafézinho e aproveitar simples e divertidamente o fato de estarmos juntas, mesmo que por um breve momento dos nossos dias corridos. Como cada um dos citados marcou essa minha jornada de formação!

No entanto, tudo isso foi possível por causa de Deus, Quem fez o caminho, Quem me deu a vida, Quem me capacitou e Quem trouxe essas pessoas para perto de mim durante a caminhada; a Ele sou eternamente grata.

Não procurem o sucesso. Quanto mais o procurarem e o transformarem num alvo, mais vocês vão errar. Porque o sucesso, como a felicidade, não pode ser perseguido; ele deve acontecer, e só tem lugar como efeito colateral de uma dedicação pessoal a uma causa maior do que a pessoa, ou como subproduto da rendição pessoal a outro ser. A felicidade deve acontecer naturalmente, e o mesmo ocorre com o sucesso; vocês precisam deixá-lo acontecer não se preocupando com ele. Quero que vocês escutem o que sua consciência diz que devem fazer e coloquem-no em prática da melhor maneira possível. E então vocês verão que a longo prazo – estou dizendo: a longo prazo! – o sucesso vai persegui-los, precisamente porque vocês esqueceram de pensar nele.

Viktor Frankl (1905-1997), Viena, 1983.

RESUMO

O tema espiritualidade é relevante para a prática clínica de Psicologia por ter relação direta com a compleição humana, contribuindo para que a sua saúde se configure em um bem-estar biopsicossocial. No entanto, devido ao processo de secularização foi conferida à espiritualidade uma identidade religiosa, sendo que pesquisas nas ciências sociais e humanas têm produzido dados que evidenciam diferenças nesses termos que parecem ser sinonímicos. Além disso, a espiritualidade se apresenta como um fator que pode se manifestar na condução clínica, levando o psicólogo a ter que manejar eticamente tal fato. Com isso, teve-se como objetivo nesta pesquisa identificar quais as concepções teóricas sobre espiritualidade os psicólogos clínicos que atuam na sede distrital da cidade de Itaperuna, RJ, possuíam. Foram entrevistados 11 psicólogos e concluiu-se que há presente em suas respostas uma compreensão de que tão somente o contato com um divino ou as práticas religiosas é que se configuram em uma espiritualidade humana, levando alguns a estabelecerem critérios rígidos para lidar com a questão e outros em não terem como relevante essa dimensão em um atendimento clínico.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade, Existencialismo, Logoterapia e Clínica Psicológica.

ABSTRACT

Spirituality is a relevant theme to the clinical practice of psychology as it has a direct relation with the constitution of human being, contributing to their health being configured in a biopsychosocial well-being. However, due to the process of secularization, spirituality has been given a religious identity, but studies in the social and human sciences have produced information that show the differences in these terms that seem to be synonymous. In addition, spirituality appears as a factor that can manifest itself in clinical conduct, leading the psychologist to have an ethically manage in the therapy. Thus, the objective of this research was to identify which theoretical concepts about spirituality the clinical psychologists who work in the city of Itaperuna, RJ, had. 11 psychologists were interviewed, and it was concluded that it is present in their responses that only contact with a divine or religious practices are configured in a human spirituality, leading some to establish rigid criteria to deal with the issue and others to have this dimension not relevant in a clinical care.

KEYWORDS: Spirituality, Existentialism, Logotherapy and Psychological Clinic.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Dados principais dos psicólogos que responderam à pesquisa.	31
TABELA 2: Respostas do bloco de perguntas sobre o conceito de espiritualidade. .	32
TABELA 3: Respostas do bloco de perguntas sobre a prática clínica.....	34

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT	8
INTRODUÇÃO	11
1 SOBRE O CONCEITO DE ESPIRITUALIDADE	13
1.1 Uma Curta Linha Histórica	14
1.2 O Conceito em Si	16
1.3 Espiritualidade Segundo Viktor Frankl	18
1.4 Espiritualidade <i>versus</i> Religiosidade	22
1.5 Espiritualidade e Saúde Mental	23
2 SOBRE A CLÍNICA PSICOLÓGICA.....	25
2.1 A Clínica	25
2.2 Ética e Clínica Psicológica – Uma Relação Necessária	27
3 A PESQUISA DE CAMPO.....	30
3.1 Metodologia	30
3.2 Análise das Respostas	31
4 CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
ANEXOS	43
APÊNDICES.....	48

INTRODUÇÃO

“Enquanto ainda esperamos pelo chuveiro, experimentamos integralmente a nudez: agora nada mais temos senão este corpo nu (sem os cabelos). Nada possuímos a não ser, literalmente, nossa existência nua e crua. Que restou em comum com nossa vida de antes?”
(Viktor Frankl)

Quando o ser humano é confrontado com sua existência única e exercita o olhar para fora dessa existência — ou é pelas contingências do ser e estar a olhar para fora dela, buscando encontrar onde está, o que foi, é ou será, a possibilidade ou não possibilidade —, ele percebe que não é meramente uma máquina programada a produzir até que venha a exaustão ou algum defeito a ser reparado. Até mesmo quando lhe é forçado o não-buscado, esse ser expressa as angústias inerentes ao questionamento maior que lhe é imposto: Qual é o sentido? É essa questão que resume essencialmente as demais e que norteará o que se segue, onde o objetivo é trazer luz a uma dimensão que ainda se apresenta como fomentadora da necessidade de limites éticos rígidos para que a ciência não seja suprimida por um pensar mitológico, não científico e, logo, acrítico.

Temos essa identidade quando tratamos da espiritualidade humana. Dentro do contexto psicológico o seu conceituar se confunde com religiosidade. As discussões existentes são basicamente por duas razões: por haver na sociedade uma secularização que promove um afastamento gradual e constante sobre tudo que tenha uma relação direta (e até indireta) com o que seja religioso; e a sinonímica existente entre os termos espiritual e religioso e suas variações.

No entanto,

A espiritualidade constrói-se nos contextos socioculturais e históricos, estruturando e atribuindo significado a valores, comportamentos, experiências humanas, e por vezes materializa-se na prática de um credo religioso específico. (PINTO e PAIS-RIBEIRO, 2007, p. 47)

É indispensável que o ser humano seja visto em toda sua compleição, que é constituída de uma parte material e outra imaterial. E em sua imaterialidade se apresenta a dimensão espiritual, que imprimirá no humano sua singularidade, impulsionando-o a se tornar um ser-consciente, bem como, um ser responsável (FRANKL, 2017), conectando-o consigo e com o que estiver ao seu redor.

Ainda dentro do conceito de espiritualidade, Leite e Seminotti (2013) dizem que é ela quem possibilita ao ser humano identificar um sentido para a sua existência, o que redundará em saúde não apenas psíquica, bem como física e social. Quando o

homem se compreende como um ser que foi lançado no mundo, mas não sem um sentido em si implicado, buscará a verdade transcendente que aquiescerá sua subjetividade e lhe propiciará soluções e respostas. Isso mostra que há um liame entre espiritualidade e saúde, o que levou Pinto e Pais-Ribeiro (2007) a dizerem ser importante que as ciências humanas e naturais busquem se debruçar atualmente em pesquisas sobre as possíveis inter-relações da espiritualidade com a saúde.

Por esse caráter é que se tornou relevante essa pesquisa, que buscou identificar quais eram as concepções teóricas sobre a dimensão espiritual que o psicólogo clínico que atuava na sede distrital da cidade de Itaperuna, RJ, possuía e como era o seu manejar nos atendimentos clínicos.

1 SOBRE O CONCEITO DE ESPIRITUALIDADE

“Apesar de todo o primitivismo que toma conta da pessoa no campo de concentração, não só exteriormente, mas em sua vida interior, percebem-se, embora esporadicamente, os indícios de uma expressiva tendência para a vivência do próprio íntimo. (...) a possibilidade de se retirar daquele ambiente terrível para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior.”
(Viktor Frankl)

Antes de tratar do conceito propriamente dito, é importante tecer brevemente sobre como o ser humano foi compreendido no que se refere à sua compleição. Para tanto, duas ciências participam desse tear, as biológicas e as humanas, já que ambas se propõem tratar sobre o humano e os sofrimentos que lhe podem acometer, seja em sua estrutura biofisiológica e social quanto no que a ela confere a possibilidade de ser, que é a alma (MONTEIRO e JACÓ-VILELA, 2005).

O termo espiritualidade possui uma gama de incongruências conceituais e teóricas, principalmente pela identidade que a palavra traz em si com religiosidade. Duas discussões são identificadas sobre esse fato: (1) a secularização da sociedade, isto é, um movimento gradual e constante de separação em relação ao que seja possível ser reconhecido como religião, promovendo uma compreensão da palavra *espiritualidade*¹ fora de seu contexto original; o senso comum a compreende como *religião*², pois esta lida com coisas ditas espirituais; e (2) a relação sinonímica de espiritualidade com religiosidade, sendo necessário “esclarecer que as duas (...) possuem significados diferentes” (LEITE e SEMINOTTI, 2013, p. 190). Portanto, é primordial promover a compreensão de que a espiritualidade se manifesta de várias formas. Ambas discussões não se sobrepõem, mas se mostram consequentes, onde na primeira temos o seu fato motivador, por estar marcadamente presente nas áreas acadêmicas/científicas, favorecendo para que a espiritualidade tivesse seu papel e atuações reformuladas, quiçá desconsideradas, pois por séculos (historicamente milênios) sua maior relação foi a conexão direta com a religiosidade, até se sobrepondo à esta, e, no entanto, religiosidade tão somente é uma das manifestações da espiritualidade do humano (COSTA CATRÉ *et al*, 2016).

¹ Como será compreendido no discorrer deste trabalho, a **espiritualidade** é parte constituinte do ser humano, sendo aquela em que lhe possibilita transcender para além de si. Essencialmente, “é algo relacionado ao sentido que percebemos ou que damos à vida”. (ZANGARI e MACHADO, 2018, p. 15)

² A Cartilha de Psicologia e Religião (*Ibidem*) define que **religiões** “podem ser compreendidas como instituições, sistemas com discursos e práticas que falam sobre uma realidade transcendente, ou seja, que vai além do mundo físico”.

1.1 Uma Curta Linha Histórica

Quando se pesquisa na História da Humanidade sobre a origem (ou as origens) do conceito de espiritualidade, ele está amalgamado com as crenças e práticas de conotação essencialmente religiosa. Costa Catré *et al* (2016) apontam momentos que podem ser considerados marcos para tal conceituação onde ficam evidentes essa junção quase que inseparável entre ser-espiritual e ser-religioso. Eles se encontram ao longo dos primeiros milênios a.C. da História da Humanidade, resumindo-se ao final desse período em uma conversão do mitológico para a racionalidade, provocando o nascimento de dois paradigmas que expressam o sentido de espiritualidade:

(1) o da Transcendência como razão ou logos, presente no pensamento filosófico grego, que se manifesta como Sophia ou Sapientia (e que está associada à Contemplação, considerada a forma mais elevado do conhecimento); (2) o da Revelação ou Fé do Povo de Israel (que se encontra plasmada na Palavra Bíblica, que é a Palavra de Salvação). (*Ibidem*, p. 33)

Retornando aos primórdios do pensamento antropológico, tem-se no período seguinte ao pós-socrático³ a ocasião em que o homem voltou o conhecimento para si e reconheceu que é sobre ele mesmo que esse saber se principia ou se dá, retirando do cosmos ou da mitologia o olhar. A frase que marca tal momento é “Conhece-te a ti mesmo.” de Sócrates. Pivatto (2006) também expõe em seu artigo que o fato que levou o homem a ser distinguido dos demais seres, inclusive dos animais, foi a “classificação ôntica realizada por Aristóteles” (*Ibidem*, p. 119), classificação esta que posteriormente será contraditada pelas ciências biológicas, “que nela não vêem variação a não ser quantitativa” (*Ibidem*). Continuando, o autor assevera que

Ao homem natural convém o nome de animal; tal é o ponto de partida, mas não é o ponto final. Afirma-se, por conseguinte, a possibilidade e a necessidade da passagem do natural ao humano; a definição de humano não é dada na origem, mas na realização histórico-cultural que cada ser humano confere a si mesmo como uma criação inter-humana social possível e desejada. (*Ibidem*)

³ Pós-socrático é um período que se inicia ao final do século 4 a.C., conhecido como o Período Clássico da Filosofia, quando ela se vê sendo expandida em suas correntes pela contribuição que Sócrates possibilitou ao indicar um caminho ético e político para responder aos questionamentos filosóficos. O caminho foi o seu método dialético – a maiêutica (questionamento socrático). (MACIEL, 2020)

É válido que se guarde essa informação, dado que adiante se tem um retorno ao que aristotelicamente foi estabelecido, propiciando a compreensão mais condizente sobre o que seja o ser-espiritual no humano.

Em Costa Catré *et al* (2016) se tem, na sequência da história do conceito espiritualidade, um aparente percurso paralelo entre os paradigmas citados, sendo que ao alcançar a Idade Média o conceito sofre fortíssima influência do discurso filosófico-teológico, influenciando a cultura Ocidental e implicando diretamente em como se concebe a espiritualidade na Era Moderna. A Filosofia da Idade Média é marcada pela sua subordinação quase total à Teologia e dentro desse contexto é que aparece de forma explícita a palavra espiritualidade, principalmente pelo que os filósofos Agostinho e Tomás de Aquino vão sobre ela formular. Para Santo Agostinho é através da alma que o homem alcança o conhecimento, sendo ela superior ao corpo e que além de animá-lo, dar vida, é ela quem busca pela verdade – Deus (*Ibidem*). Já São Tomás de Aquino beberá das fontes de Aristóteles e discorre que a alma não é superior ao corpo, mas está unida a ele. Os autores ao falarem desse conceito segundo Aquino, dizem que ele se refere ao corpo como não podendo “existir nem viver sem alma e, ainda que imortal, esta última, não tem vida plena sem o corpo. E, porque é espiritual, a alma humana é imortal, contrariamente às almas dos outros seres” (*Ibidem*, p. 33). Vê-se que Aquino fará uma distinção clara entre o ser humano e os demais seres vivos, algo que confere a ele uma essência diferente, que é a espiritualidade. O homem a possui, os animais não a possuem. E assim, como um ser-espiritual e não somente um corpo biológico animalesco é que o homem é concebido (*Ibidem*).

Com o Renascimento se tem mais uma vez uma mudança de paradigmas, é quando as ciências conquistam patamares de promoção do saber e conhecimento no lugar antes ocupado tão somente pelo Clero Religioso. É nesse momento que o movimento de secularização da sociedade se inicia com considerável força, levando o homem a ser visto como um objeto possível de ser estudado por meio de métodos científicos e, assim, sua imaterialidade apenas reconhecida naquilo que não conotasse alguma identidade religiosa ou quando pudesse ser “vista” – o comportamento.

As vicissitudes históricas posteriores, trazidas pelo alvorecer da proclamação da racionalidade do indivíduo, levam à consequente afirmação, em Psicologia, do *Homo Psychologicus* que conduz à

“morte de Deus”, fruto de uma modernidade dessacralizadora e secularizante. (*Ibidem*, p. 35)

Essa visão do homem como possibilidade de ser compreendido, tanto pelas ciências biomédicas quanto humanas, como um objeto, onde o cientista é o detentor dos saberes do outro, esquecendo-se que este é um *sujeito*, não mero espectador ou receptor, determinado, categorizado, perdurou por um longo período. Essa visão exigia que o ser humano fosse separado “de seu mundo e da sua própria realidade, dando margem aos reducionismos e a uma compreensão equivocada de si mesmo” (Heloísa Reis Marino⁴ in FRANKL, 2019, p. 13).

No entanto, o homem não é um *animal rationale*, podendo lhe ser conferida a irredutibilidade.

Talvez convenha retornar ao velho Heráclito, fragmento 93, no qual está escrito: “O mestre cujo oráculo está em Delfos não o anuncia nem o esconde: ele significa”. Significar não é fazer sinal, indicar que é possível abrir pistas e, talvez, ressignificar? Aquele ser que apressadamente chamamos de humano não permanece sempre um enigma? Algo de indecifrável, quiçá incompreensível ou, melhor, inesgotável parece constitutivo deste ser. Entre o tudo e o nada, assim ele parece encontrar-se atualmente ao olhar interrogador. Por um lado, ineliminável finitude; por outro, ineliminável infinitude para a qual esboça tateante abertura. Finitude inscrita na corporeidade e sua historicidade; infinitude aberta na interioridade como pergunta insilenciável e desejo incompletável, manifestando uma subjetividade dilacerada. O desdobramento da pergunta insilente fica condicionado ao horizonte da exterioridade cósmica infiniforme que provoca e se retrai, se expõe e ameaça; mas a pergunta sobrevoa abismos e subsiste enigmática em sistemas redondos. (PIVATTO, 2006, pp. 117-118)

1.2 O Conceito Em Si

Após essa curtíssima linha histórica em relação ao que seja espiritualidade, vê-se, mesmo que panoramicamente, o porquê de ela ser compreendida dentro do engessamento religioso ou teológico. No entanto, a espiritualidade é a dimensão das manifestações do viver voltadas para o seu sentido de ser, de existência. Essa compreensão contradiz a característica dicotômica e metodológica que academicamente são apresentadas nas ciências psicológicas, levando muitos psicólogos a adotarem uma atitude crítica e estimulando estudos com vieses mais

⁴ Psicóloga e Especialista em Logoterapia, que prefaciou essa obra de Viktor Frankl que consta no Referencial Bibliográfico.

conectados com a Filosofia Existencial e Humanista, que questionou (e ainda questiona) o que se apresenta no ser humano não como uma realidade concreta, palpável, mas no subjetivo, ao que está no nível da alma (psiquê) e visto como transcendente na sua experiência do viver (ERTHAL *in* ANGERAMI, 2004).

Tem-se visto nas últimas décadas, mais ou menos a partir dos anos 2000, uma crescente busca em se compreender o que seja a espiritualidade devido aos questionamentos que o senso comum tem provocado (Porque aqui estou? Para onde vou? Qual o sentido da vida?), estimulando os pesquisadores das ciências sociais e humanas, onde as ciências psicológicas estão inseridas, a se valerem das suas formas de manifestação para interpretar esse objeto de estudo diferenciado, que não pode ser colocado sob lentes micro ou macroscópicas. Por causa disso que as principais fontes de pesquisas sobre esse tema são de base social e humana, pois a espiritualidade é construída “nos contextos socioculturais e históricos, estruturando e atribuindo significado a valores, comportamentos, experiências humanas” (LOUSADA, 2017, pp. 16-17). E um dos fatores identificados para a manutenção anterior de certa objeção à espiritualidade tem relação com a formação do pensamento humano Ocidental e Oriental. Na obra que Angerami (2004) organizou, a psicóloga Tereza Erthal (capítulo 1) traz uma proposta de redefinição da consciência humana e, para tal, primeiramente tece como a alma é conceituada desde a antiguidade e, principalmente, quando o pensamento humano sofreu a cisão entre Oriental e Ocidental. Erthal (*in* ANGERAMI, 2004) afirma que esses dois sistemas de pensamento conferem uma compreensão diferenciada sobre a espiritualidade, interferindo diretamente na sua conceituação e na prática do psicólogo. “No sistema oriental assume-se que em toda forma humana habita um ser chamado alma ou ego. (...) No Ocidente, ocorre o inverso. O subjetivo é ignorado e visto como hipotético.” (*Ibidem*, p. 6). E, assim sendo, na história da Psicologia se tem evidente seu cooptar pelas conceituações ocidentais e as suas teses se apresentam (em sua grande maioria) com uma identidade materialista, quer dizer,

Há uma entidade chamada ser humano, que possui uma mente, um conjunto de emoções e um aparelho de respostas. Seu caráter e suas disposições dependerão desse aparelho responsivo, da condição do seu intelecto e da natureza das circunstâncias. A ênfase no indivíduo ocidental tem sido o caráter que o torne um instrumento social e um fator decisivo no sistema econômico.” (*Ibidem*)

Por causa disso é que se tem a valorização na identificação e categorização do que seja normal ou não-normal e/ou o perigo de se incorrer na patologização da normalidade⁵.

Espiritualidade, segundo assevera Lemos (2019), relaciona-se diretamente em como o homem faculta sentido à realidade, tirando esse direcionamento específico para tão somente com um ente superior, mas sendo a possibilidade inerente ao ser em se autotranscender e, assim, conseguir superar o sofrimento e a dor, adquirir valores e preencher de sentido para as diversas situações da existência (*Ibidem*).

Tem-se, como já dito, que o ser humano deva ser compreendido como um ser constituído de forma íntegra e inseparável de uma parte material e outra imaterial. É no imaterial que está presente a espiritualidade humana, sendo ela identificada como uma dimensão de considerável importância e que determinará a singularidade de uma pessoa (PINTO e PAIS-RIBEIRO, 2007). Segundo as teorias Existencialista e Fenomenológica, é ela quem conferirá ao homem a sensação de integralidade consigo mesmo e lhe conectará com tudo que está ao seu redor, levando esse ser-no-mundo⁶ a compreender-se consciente e responsavelmente e, quando assim se apreender, impulsionar-se a buscar sentido para o seu viver, para algo que transcende ao que seja tocável e, quiçá, inteligível. Dessa forma, espiritualidade

se refere à condição humana de procurar um sentido para a existência e a busca verdadeira pela solução dos problemas e questionamentos interiores. Esta contribui para o bem-estar físico e psicológico tornando-se uma ferramenta para promoção da saúde, sobretudo mental e atuando como fator protetor contra o desenvolvimento de doenças físicas e psíquicas. (LEITE e SEMINOTTI, 2013, p. 191)

1.3 Espiritualidade Segundo Viktor Frankl

Intentando direcionar para um conceito sobre a espiritualidade que promova uma prática clínica em Psicologia que reconheça sua presença na compleição do ser

⁵ Segundo Ceccarelli (2010, p. 2) é “toda forma discursiva geradora de regras sociais e normas de conduta que são utilizadas para classificar, etiquetar e às vezes punir. Regras que determinam como os sujeitos devem proceder a partir de parâmetros que, na maioria das vezes, não levam em conta a particularidade da dinâmica pulsional do sujeito em questão.”

⁶ Conceituação teorizada por Heidegger em sua obra “Ser e Tempo”. Resumida e superficialmente, ser é um ente que está constantemente em relação com algo ou com alguém, afirmando que o humano está impreterivelmente em uma situação, mas não preso a ela, na situação em que se encontra, sendo-lhe passível as possibilidades em transformar ou tornar-se em algo novo (WATANABE *et al*, 2020).

humano, há um cientista que não apenas buscou construir o seu conceito, mas a partir dele estabelecer um processo terapêutico: a Logoterapia.

Viktor Emil Frankl, o Pai da Logoterapia, nasceu em 1905 na Áustria, em uma família judaica e é considerado o fundador de uma escola de pensamento tida como a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”, precedida pela Psicanálise de Freud (1856-1939) e pela Psicologia Individual de Adler (1870-1937), duas escolas pela qual Frankl passou. Ele foi um neurologista, psiquiatra e testemunha (Viktor Frankl não se reconhece como vítima.) das atrocidades do nazismo na 2ª Grande Guerra Mundial, sendo o prisioneiro nº 119.104 que passou por 4 campos de concentração entre 1942 e 1945: Theresienstadt, Auschwitz, Kaufering e Turkheim. Quando foi libertado em 1945, passou por Viena (onde residia antes do aprisionamento) e de lá seguiu para Monique, onde reescreveu a obra sobre a Logoterapia que o nazismo havia tomado de si por ocasião de sua deportação (Publicado posteriormente com o título “Psicoterapia e Sentido da Vida”.) e escreveu, em 9 dias, o relato biográfico dos anos nos referidos campos — Em Busca de Sentido —, que foi primeiro dos seus 39 livros publicados (que já foram em sua maioria traduzidos para mais de 45 idiomas). Nesse livro ele relata sobre suas experiências no período da guerra, bem como expõe a essência de sua teoria: a Logoterapia. Viktor Frankl faleceu em 02 de setembro de 1997, aos 93 anos (STUDART, 2021)

Um dos filósofos nos quais Frankl embasou a sua teoria foi Max Scheler (1874-1928), um alemão reconhecido por sua contribuição nos estudos sobre a Fenomenologia. No entanto, é perceptível ao se ler as obras franklinianas que não se deve categorizar a Logoterapia de forma reducionista – ela ser fenomenológica ou existencialista ou humanista etc. Frankl reconhece as obras de Freud e de Adler como necessárias e importantes, bem como de outros pensadores e cientistas. Para Viktor Frankl qualquer ciência não deve se fechar em si mesmo e se descontinuar, nem mesmo se pensar totalitária de um saber, mas provocar o crescimento seja na possibilidade da contradição quanto na de constatação e posterior ampliação. E isso só é possível no diálogo entre ciências diversas e, também, internamente, na própria ciência. Como bem disse o Pai da Logoterapia sobre a sua “filha”: esta é

‘terra de ninguém’. E, ainda assim – que terra promissora!’. Isso foi há muitos anos. Nesse ínterim, a ‘terra de ninguém’ se tornou habitada. E o trabalho de seus habitantes prova que a ‘promessa’ está a caminho de ser cumprida. (FRANKL, 2011, p. 208).

Frankl quis dizer que tão somente lançou um fundamento como outros também já haviam lançado os seus, mas que isso era “um convite para que outros deem seguimento à construção do prédio” (*Ibidem*).

O que se apresenta como realmente perigosa é a pretensão de um especialista, digamos, no campo da biologia, por exemplo, de entender e explicar os seres humanos, exclusivamente, nos termos da sua ciência. O mesmo valor para a psicologia e para a sociologia. No momento em que determinada ciência clama por totalidade, a biologia se torna biologismo, a psicologia se torna psicologismo, e a sociologia se torna sociologismo. Em outras palavras, nesse exato momento, a ciência se desfigura em ideologia. (*Ibidem*, p. 32)

Mas, retornando a Scheler e sua participação no conceito frankliniano de espiritualidade, esse contestará em pleno século 20 o que já fora dito sobre o homem ser *animale rationale*. Segundo Pivatto (2016, p. 119),

Scheler deixa claro que o humano não pode consistir no que ele chama de construção psíquica, nem dele derivar nas etapas sucessivas em que se manifesta o desenvolvimento da vida (impulso sensitivo, instinto, memória associativa e inteligência prática) até chegar ao animal racional. A diferença essencial entre o animal racional e o humano dá-se por um novo princípio, oposto à vida em seus dinamismos e à vida do animal racional, chamado “espírito extra-vital” despreendido da vida orgânica e seus dinamismos e oposto à vida.

A partir de seus estudos e pesquisas tanto nas obras de Scheler, quanto nas de Freud, Adler, Binswanger, Schultz, Jung, Kant, Jaspers, Pfeiffer, Allers, Kronfeld, Meinertz, Schwarz e vários outros, seus contemporâneos ou não, Frankl diz que o homem possui um suprasentido que “necessariamente excede e ultrapassa a capacidade finita do ser humano” (FRANKL, 2018, p. 142). Mesmo que sua razão não alcance essa compreensão, ela existe e se constitui no que se compreende como o que possui vontade de sentido. É a espiritualidade que leva o humano a ser-existencial (NASCIMENTO e CALDAS, 2020). Frankl (2008, p. 126) descreve três formas de se usar o termo existencial: “referindo-se (1) à *existência* em si mesma, isto é, ao modo especificamente humano de ser; (2) ao *sentido* da existência; (3) à busca por um sentido concreto na existência pessoal, ou seja, à *vontade* de sentido”. Com isso, ele sustenta que o homem não é apenas formado pela dimensão corpórea e psicológica, mas “por uma complexidade da totalidade humana combinada pelas dimensões somática, psíquica e espiritual, sendo esta última o que diferencia o homem dos vegetais e animais” (NASCIMENTO e CALDAS, 2020, p. 75).

Em sua obra “A Vontade de Sentido”, Viktor Frankl (2011) teoriza sobre três pilares sustentadores sobre a visão de homem na Logoterapia. São eles: (1) a liberdade da vontade; (2) a vontade de sentido; e (3) o sentido da vida. Sobre o primeiro pilar, na mesma obra discorre que ela

opõe-se ao princípio que caracteriza a maior parte dos atuais saberes que se ocupam do homem: o determinismo. No entanto, nosso primeiro pilar apenas se opõe, especificamente, ao que costumo chamar de pandeterminismo, pois falar de liberdade da vontade não implica, de forma alguma, um determinismo a priori. Afinal, a liberdade da vontade significa a liberdade da vontade humana, e esta é vontade de um ser finito. O homem não é livre de suas contingências, mas, sim, livre para tomar uma atitude diante de quaisquer que sejam as condições que sejam apresentadas a ele. (*Ibidem*, p. 26)

No ser humano há uma capacidade de se distanciar das condições de enfrentamento, não apenas delas, mas inclusive de si mesmo, e, assim sendo, pode decidir qual atitude terá, qual escolha fará – isso é interno, não avaliável por outro. E tendo decidido a atitude, ele se posicionará, promovendo condicionantes à sua saúde plena. Essa capacidade está para além da dimensão psíquica e biológica, o que seres animais possuem, sendo ela – espiritualidade – o que conferirá a diferença do ser humano desses demais (PIVATTO, 2016).

Sentido é reconhecer que a “existência não é só intencional, como também é transcendente” (FRANKL, 2020, p. 67), o ser humano é um ser que se direciona para além-de-si, sendo autêntico quando é consciente disso, bem como responsável por isso, posto que é “condenado à liberdade” (*Ibidem*), devendo se responsabilizar por ela, mesmo que não queira vive-la. Frankl, ao falar sobre a liberdade, bebe do existencialista Paul Sartre, que declarou que o homem é “Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer” (SARTRE, 1978, p. 9).

Para Viktor Frankl (2011) a humanidade de um ser só é encontrada na sua espiritualidade. Tanto que a pergunta que ele reconhece como sendo a que possibilita essa identificação não deve ser “O que é o homem?”, mas “Onde está o homem?”. “O ser humano é ser direcionado a algo que não a si mesmo.” (*Ibidem*, p. 67).

Esta autotranscendência do existir humano consiste no fato essencial de o homem sempre «apontar» para além de si próprio, na direção de alguma coisa a que serve ou de alguma pessoa a quem ama. E é somente na medida em que o ser humano se autotranscende que lhe é possível realizar-se – tornar-se real – a si próprio. (*Ibidem*, 2016, pp. 24-25)

1.4 Espiritualidade *versus* Religiosidade

A espiritualidade, além de conferir humanidade ao homem, é o que transcende as dimensões biopsicossociais.

É a dimensão que eleva a pessoa para além de seu universo e a coloca frente às suas questões mais profundas, as que brotam da sua interioridade, no anseio de encontrar resposta às perguntas existenciais: de onde vim? Para onde vou? (GOMES *et al*, 2014, p. 109)

Não apenas isso, mas a dimensão espiritual do ser humano é a sua sustentação temporal e histórica (DA COSTA *et al*, 2018). A espiritualidade não está obrigatoriamente associada com um credo em um ser divino ou superior ou a rituais e dogmas religiosos.

Relacionando espiritualidade com religiosidade, pode-se dizer que enquanto a espiritualidade é “o encontro do ser humano consigo mesmo e com o outro, onde faz o homem enxergar além das aparências e ampliar sua visão de homem e mundo” (DA COSTA *et al*, 2018, p. 564), a religiosidade é uma de suas formas de se expressar, sendo ela voltada para determinadas crenças e seus respectivos rituais dentro das diversas religiões existentes. Destarte, a religiosidade não somente é “a extensão na qual um indivíduo acredita, segue e pratica uma religião”. (FLECK *et al*, 2003, p. 448)

Um fato que ficou evidente quando foram feitas consultas em referências bibliográficas sobre a relação da espiritualidade com sofrimento ou saúde mental, é que mesmo sendo descrito no escopo dos tratados científicos as diferenças conceituais, destaca-se que ao se voltar para a pesquisa da saúde mental de certos grupos, a sinonímica condicionada à espiritualidade e à religiosidade sobressai. Fato que pode ser explicado historicamente, pois até o século 20 “a religião era vista como possível causadora de neuroses” (LEITE e SEMINOTTI, 2013, p. 190).

Durante o século XIX e primeira metade do século XX a religiosidade e espiritualidade eram vistas como exercendo uma influência negativa sobre a saúde, sobretudo a saúde mental. No cenário emergiam as práticas espíritas e muito se falava acerca dos fenômenos de transe e possessão, além das práticas mediúnicas em geral. (*Ibidem*)

Isso levou a se estabelecer um conflito entre religiosos e cientistas, ambos buscando explicar dentro de suas compreensões os fenômenos de transe e possessões que ocorriam nas religiões mediúnicas, relacionando ou não com a mente

e psicopatologias (ALMEIDA *et al*, 2007). Leite e Seminotti (2013) continuam dizendo que somente no século 21 se iniciou certa mudança nessa compreensão, principalmente pelo fato da religião ser tida como promotora de benefícios para a saúde, tanto biológica, quanto psicológica e, quiçá, social.

1.5 Espiritualidade e Saúde Mental

Compreendendo que espiritualidade é a dimensão da subjetividade humana que está diretamente relacionada com o sentido que o ser humano percebe ou dá à sua vida e sendo a avaliação quase plena da constituição humano uma parte necessária no atendimento psicológico, tem-se a viabilidade do cliente/paciente manifestar no seu discurso percepções de sua dimensão espiritual, devendo o profissional ter uma postura ética sem desconsiderar o que se revela. E a atitude ética é quem traduzirá sua conduta para com o que se apresenta, promovendo a saúde para quem está em sofrimento psíquico. Como dizem Gomes *et al* (2014, p. 108), no “campo da intervenção psicológica, o terapeuta pode se deparar com a emergência dessa questão, cabendo-lhe atitude ética e respeitosa ao lidar com a demanda advinda dos diversos contexto em que atua”.

E o que antes não era compreendido como estratégia de enfrentamento para os sofrimentos causados pela vivência, tanto individual quanto coletiva, por causa do que já foi exaustivamente dito, hodiernamente têm ganhado espaço dentro das faculdades de biomedicina, que foram as que no período positivista colocaram tal dimensão em silêncio, por não ser possível objetificá-la e, assim, ser dissecada. E essa abertura trouxe para as faculdades de Psicologia a possibilidade de ampliar o que já era de modo pontual citado nas aulas de Filosofia (*Ibidem*). Isso é de valor significativo para o homem, pois suas dimensões são em seu todo cogitadas quando se busca tratar sobre a sua saúde, tanto fisiológica quanto mental.

Na busca do desenvolvimento da totalidade do ser humano é importante considera todas as dimensões que o constituem. Ao mesmo tempo em que ele é percebido como ser pensante – com possibilidades de utilizar sua racionalidade, sua corporeidade, sua energia emocional-psíquica, a dimensão espiritual tem sido também levada em conta, embora não se trate, necessariamente, de adesão a uma religião, pois a dimensão espiritual vai além de uma confissão religiosa, não dependendo de lugar, tempo ou códigos que a definam. (*Ibidem*, pp. 107-108)

E tal implicação entre a relação da espiritualidade com a saúde psíquica também está presente entre aqueles que apresentam um sofrimento tão intenso que pode levá-los a terem comportamentos não condizentes com o que se é dito por “normal”⁷ pela sociedade. Segundo Leite e Seminotti (2013, p. 190),

Partindo da perspectiva de que o doente mental é mais do que o portador de uma doença e sim um ser humano em sofrimento, entendemos que a subjetividade também faz parte deste ser humano. Neste contexto surge a discussão acerca da relação entre espiritualidade e assistência ao doente mental, uma vez que esta é uma dimensão importante na subjetividade do ser humano.

As autoras Leite e Seminotti (2013), após diversas pesquisas, vão sinalizar a importância de se “investigar a influência da espiritualidade na saúde física e mental e o impacto desta diante da prática clínica” (*Ibidem*, p. 191), pois há evidências que revelam o quanto que ela (a espiritualidade) age nas ações de promoção e prevenção da saúde humana. Ressalta-se que as pesquisadoras trazem uma das manifestações espirituais como exemplo dos benefícios à saúde mental – a religiosidade. “Outros estudos demonstram ainda que as práticas espirituais/religiosas têm se relacionado a menores taxas de depressão, de estresse e melhor qualidade de vida” (*Ibidem*).

⁷ Não é o foco desta pesquisa tratar sobre a questão das rotulações sobre o “normal” e o “anormal”. No entanto, há vários estudos sobre essa temática, tanto pela psicopatologia quanto pela saúde mental, que devem ser mais divulgados por meio de uma educação em saúde, principalmente diante da busca de quebras de paradigmas promovidas pela luta antimanicomial.

2 SOBRE A CLÍNICA PSICOLÓGICA

“Encontrei o significado da minha vida, ajudando os outros a encontrarem o sentido das suas vidas.”
(Viktor Frankl)

2.1 A Clínica

Ao se conceituar “clínica” é relevante pesquisar na história das práticas em saúde quando que surgiram ações que assim foram denominadas e, a partir daí, refletir se ainda há a manutenção inicial de como ela foi compreendida. Além disso, referindo-se à Psicologia, há outra questão importante: Compreende-se clínica do mesmo modo que ela é praticada nas áreas médicas? Ademais, tem-se no senso comum um pensar de que ela seja uma prática curativa: a pessoa em sofrimento, sem condições de prover a si mesmo o que necessita para sua saúde, busca uma outra que tenha conhecimento comprovadamente melhor, deixando a seu cargo a cura que precisa.

Moreira *et al* (2007), ao falarem sobre o conceito de clínica, dizem que é um termo que tem origem no grego *klinê*, que significa *leito*, direcionando-se ao fato do médico examinar como a doença se manifesta enquanto o doente está deitado e, assim, trazer um diagnóstico e prescrever a profilaxia a ser dada. Somado a isso, na Antiguidade, há época do que possa ser reconhecido como do nascimento da medicina, Hipócrates, na Grécia, definiu que a primeira etapa do agir médico se dá pela observação, anamnese e realização de exames. Depois dele, o nome que contribuiu para qualificar mais um pouco a clínica médica foi o de Galeno, que acrescentou conhecimentos de anatomia e fisiologia aos procedimentos médicos. Outros nomes podem aqui ainda ser inseridos, mas temos a culminância da clínica médica no final do século 18 e início do século 19, quando a medicina foi instrumentalizada por meio de invenções promovidas pelo desenvolvimento da biologia. Foi nesse período que a medicina viveu seu auge de descobertas e instrumentalização, sendo o nascedouro das especializações. Com elas, enquanto antes era o médico quem “buscava o paciente”, à beira do seu leito, para poder colher as informações e, assim, diagnosticar e prescrever o tratamento, ocorre o inverso: o paciente ao sentir algo, identifica por si só qual parte está doente e já se direciona ao especialista que atenda àquela queixa (*Ibidem*).

Com essa definição e pensando na ciência psicológica, vemos que há evidentemente nela uma influência da medicina, mais precisamente na Psicologia Clínica, que de um modo geral, remete ao cliente/paciente uma expectativa de cura. Embora não se possa dizer que haja um caminho até a cura para as demandas psicológicas, pode-se afirmar que existe uma terapêutica sendo aplicada na clínica psicológica (PANTALEÃO e BAÍA, 2012).

Segundo Canguilhem (1943, *in* SANTOS, 2001, p. 89), a clínica “é uma técnica ou uma arte situada na confluência de várias ciências, mais do que uma ciência propriamente dita”, portanto, há um ponto onde há o cruzamento das diversas ciências relativas ao cuidado humano onde a clínica se apresenta. A Psicologia é uma dessas ciências e tem por objeto uma prática de cuidado para com o outro, mas ela não incide tão somente sobre o objeto corpo humano, devendo se ter, por isso, o cuidado de reconhecer que é na subjetividade apresentada, com suas questões manifestas em sinais e sintomas, que está a sua prática, sem essencialmente haver a presença de “cura”. Pois saudável, até mesmo no que tange à psique, não é tão somente quem não está doente, mas aquele “que passa por situações adversas e consegue superá-las; a saúde é um luxo” (*Ibidem*, p. 91) que pode ser vivenciada.

Essa clínica se apresenta na relação entre psicólogo e cliente/paciente, onde o primeiro é cômico do seu papel de coadjuvante no processo terapêutico, em que sua função é acolher e escutar atentamente quem o busca, dando voz e vez ao sujeito que traz consigo uma demanda. Não é tão somente um espaço físico, mas um encontro entre psicólogo e cliente/paciente (PANTALEÃO e BAÍA, 2012).

Segundo Silva (2001, p. 78),

o lugar da clínica define-se por sua relação com o outro, e existem várias maneiras do psicólogo se relacionar com este, precisamos escolher uma que sustente sua prática. Sustentaremos que o ethos do cuidado é nossa melhor escolha: se fazer clínica não é estar entre quatro paredes brancas promovendo a cura, entendemos que a função desta seria, justamente, cuidar de pessoas, cuidar de problemas. Enquanto argumentamos tal escolha, lentamente fecharemos as cortinas.

Por buscar compreender (ou conhecer) a subjetividade humana, suas relações e seus determinantes biopsicossociais, o psicólogo tem capacitações necessárias para analisar o homem inserido dentro do sistema das estruturas sociais, políticas, e econômicas que acabam por reproduzir nele suas dificuldades,

podendo levar a um adoecimento. Cabe a ele tão somente uma reflexão e um olhar crítico em relação as realidades enfrentadas e sobre sua atuação, onde quer que ele esteja inserido (AMENDOLA, 2014).

2.2 Ética e Clínica Psicológica – Uma Relação Necessária

A Psicologia está comprometida com a promoção e a manutenção dos estados de saúde psíquica dos sujeitos, não tratando somente o homem que sofre, mas levando seu olhar para as condições que geram esse seu sofrer. Para tal, deve-se esperar do psicólogo uma postura sobretudo ética no enfrentamento dos desafios que a profissão exige, seja a área de atuação que este se colocar, sendo preponderante que ele esteja apto para defender os interesses da coletividade, sem, contudo, deixar de resguardar as instâncias de cada sujeito em sua subjetividade.

Qual deve ser, então, a atitude que o psicólogo deve ter em sua prática clínica? E quando as questões da espiritualidade se apresentam, como deverá se portar? Perguntas que revelam ser inerente no trato entre profissional e cliente/paciente a presença de uma ética relacional. A clínica psicológica se processa no encontro do profissional com o cliente/paciente, onde não pode haver um desejo extremado por parte do primeiro em se valer de sua liberdade no setting psicológico para extrapolar os limites do outro. O psicólogo deve “reconhecer a dimensão essencialmente clínica de *estar com*, de estar ao lado deste sujeito em construção e ‘des-construção’ permanente na sua fala” (MARTINS, 1989, p. 14).

A ética em Psicologia se configura no liame que conferirá a segurança necessária na clínica para que as subjetividades ali presentes não venham a litigar com suas morais, concepções ou percepções, seja entre si quanto individualmente (MARTINS, 1989). Quando esse *ethos* não se é estabelecido, manifesta-se uma resistência em se promover a escuta de qualidade e a liberdade no discurso, pois o psicólogo pode incorrer no erro de julgar o que é dito pelo cliente/paciente segundo suas conceituações morais e percepções e este pode se sentir envergonhado em expor completamente todos os seus questionamentos e sofrimentos (*Ibidem*).

A clínica é uma arte e, “sobretudo (...), comporta dimensões éticas que não podem deixar de ser levadas em conta” (SANTOS, 2001, p. 92).

O primeiro princípio do Código de Ética do Psicólogo (CFP, 2005, p. 7) diz:

I. O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Em se tratando da espiritualidade, ou dos demais modos de vivências e escolhas que o ser humano possa ter, o psicólogo ao receber alguém que apresente em seu discurso percepções ou fatos que vão de encontro ao que ele, como pessoa, não compactua, não percebe ou crê, deverá isentar de sua prática quaisquer falas que possam cercear quem ele atende na sua liberdade de ser, perceber, crer e existir. Somado a isso, deve evitar o que não seja de fato necessário no processo terapêutico, como reações ou expressões que possam levar o cliente/paciente por um caminho não desejado. O manejo deve ser ético, não indutor ou manipulativo e voltado para aquele que busca a terapia e não para os seus interesses pessoais (MARTINS, 1989).

Devido à sinonímia entre espiritualidade e religiosidade, e por ser a sociedade brasileira caracterizada pela presença de várias religiões, havendo até produções culturais oriundas dessa identidade (alimentação, dança, folclore etc.), é certo que dentro da clínica psicológica essa dimensão espiritual se manifeste pelas práticas religiosas do cliente/paciente (CUNHA, 2017). O Código de Ética do Psicólogo (2005) traz em seu teor itens que são vedados na prática profissional. Entre elas se tem que é proibido ao psicólogo “Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais;” (CFP, 2005, p. 9). Sobre tal item do CFP, duas reflexões são possíveis: (1) deve-se ter claro que ética não se configura em um manual de normas, pois absolutos normativos vão de encontro ao que se compreende por ética, que é o de propiciar um ambiente de ação em que possa ser permitido o direito de decisão;

Se tudo o que fazemos ou deixamos de fazer decorre de uma autorização ou de uma proibição explícita da lei, se não existe o espaço da escolha, do livre arbítrio, então, [...] já não se pode falar em Ética. (CARVALHO, 2016, p. 40)

No entanto, (2) assegura-se a liberdade do cliente/paciente, cabendo ao psicoterapeuta decidir em se abster do que está sendo postulado, reconhecendo que no espaço clínico não deve nele haver uma conduta diretiva, cerceadora ou quaisquer outras que não reconheçam o que seja relevante para aquele que busca a psicoterapia (*Ibidem*, p. 41).

3 A PESQUISA DE CAMPO

"Você não é um produto das circunstâncias,
mas é um produto das suas decisões".
(Viktor Frankl)

3.1 Metodologia

Foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa na modalidade aplicada.

A pesquisa qualitativa

não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo a medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (Godoy, 1995, p. 58)

O objetivo foi em ser uma pesquisa exploratória, por meio de entrevista estruturada (APÊNDICE I) com psicólogos clínicos que atuavam na sede distrital da cidade de Itaperuna⁸, RJ, e que aceitaram participar da pesquisa. As respostas obtidas foram perscrutadas segundo a técnica de análise de conteúdo, tendo como escrutinadores o referencial teórico relacionado com o tema. Foi escolhida a análise de conteúdo segundo teoriza Laurence Bardin por ela possibilitar métodos estatísticos de análise qualitativa: "Segundo a autora, a função primordial da análise do conteúdo é o desvendar crítico." (DOS SANTOS, 2012, p. 383). A análise de conteúdo é vista como um método que trata e analisa as informações colhidas, buscando a compreensão crítica do sentido do que foi comunicado, "seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas" (CHIZZOTTI, 2000, p. 98). Segundo Godoy (1995), a análise de conteúdo segundo Bardin "parte do pressuposto de que, por trás do discurso aparente, simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que convém desvendar" (*Ibidem*, p. 23). Ela é uma técnica metodológica que pode ser aplicada na variedade de formas de comunicação existentes e em sua diversidade de discursos, onde o pesquisador procurará compreender quais são as características, arcabouço ou representações que estejam encobertos conscientemente ou não (*Ibidem*). Na análise de conteúdo é de importância a inferência, sendo ela não por

⁸ Itaperuna é um município localizado na região Noroeste do estado do Rio de Janeiro, com população estimada pelo IBGE (2020) em 103.800 habitantes.

deduções únicas por parte do pesquisador, mas através de pressupostos teóricos que corroborem com o que se evidencia no discurso. Tal ação confere ao método valor relevante à parte teórica.

Um dado sobre conteúdo de uma comunicação é sem valor até que seja vinculado a outro e esse vínculo é representado por alguma forma de teoria. Segundo este ponto de vista, produzir inferência, em análise de conteúdo significa, não somente produzir suposições subliminares acerca de determinada mensagem, mas em embasá-las com pressupostos teóricos de diversas concepções de mundo e com as situações concretas de seus produtores ou receptores. (CAMPOS, 2004, p. 613)

3.2 Análise das Respostas

Foi confeccionado um formulário no Google Forms⁹ com dois blocos de perguntas, que foram respondidas por 11 psicólogos clínicos da cidade de Itaperuna, RJ: A) 4 questões voltadas para o conceito de espiritualidade; B) 3 questões sobre a relação espiritualidade e prática clínica. Quanto ao tempo de graduação, a média de anos de formação dos entrevistados foi de 11,37 anos. Relativo às abordagens teóricas que praticam: 1 é Existencial-Fenomenológico, 1 é Existencial, 3 são da Gestalt, 4 são da Psicanálise e 1 é Cognitivo-Comportamental. Essas informações podem ser vistas na tabela a seguir. Para preservar a identidade dos entrevistados, eles foram identificados com a letra E com o numeral referente à ordem de formulários respondidos.

TABELA 1: Dados principais dos psicólogos que responderam à pesquisa.

PSICÓLOGO	TEMPO DE FORMAÇÃO	ABORDAGEM TEÓRICA
E1	13 anos	Psicanálise
E2	3 anos	Psicanálise
E3	6 anos	Cognitivo Comportamental
E4	4 anos	Gestalt
E5	9 meses	Psicanálise
E6	4 meses	Psicanálise
E7	4 anos e 6 meses	Existencial-Fenomenológica
E8	13 anos	Psicanálise
E9	13 anos	Existencial
E10	32 anos	Gestalt
E11	26 anos	Gestalt

⁹ Google Forms é um software de administração de pesquisas incluído como parte do pacote gratuito oferecido pelo Google, onde é possível criar formulários personalizados para pesquisas e questionários e, posteriormente, reunir tudo em uma planilha e análise dados.

Na tabela 2 estão as respostas das questões do primeiro bloco, relativas ao conceito de espiritualidade, na intenção de identificar o que os psicólogos compreendiam sobre a dimensão espiritual do ser humano:

TABELA 2: Respostas ao bloco de perguntas sobre o conceito de espiritualidade.

PSICÓLOGO	Qual a sua concepção sobre espiritualidade humana?	Como foi abordada a espiritualidade humana em sua formação acadêmica?	Você tem interesse em apreender mais sobre a espiritualidade humana? Se sim, por quê? Se não, por quê?	Há como lidar com a espiritualidade sem relacioná-la com religiosidade/religião? Se sim, como?
E1	<i>Acredito em Deus como criador.</i>	<i>Muito superficial.</i>	<i>Sim, pois é extremamente importante para o equilíbrio psíquico.</i>	<i>Sim, a religião é uma teoria e a espiritualidade é subjetiva.</i>
E2	<i>Busca de um ser superior (Deus).</i>	<i>Não teve influência.</i>	<i>Sim. Sempre!</i>	<i>Sim. Somos atraídos pela espiritualidade.</i>
E3	<i>Nada a declarar.</i>	<i>Muito bom.</i>	<i>Não no momento.</i>	<i>Sim.</i>
E4	<i>Que a espiritualidade exerce grande importância na vida das pessoas, tanto que já observamos um crescimento em pesquisas relacionadas à importância da espiritualidade e religiosidade nos diversos aspectos ligados à saúde.</i>	<i>De forma muito superficial. O que eu sei sobre o assunto busquei por fora da formação acadêmica.</i>	<i>Sim, por que esse assunto é muito recorrente na nossa prática clínica.</i>	<i>Sim, respeitando a individualidade de cada pessoa.</i>
E5	<i>Algo que sentimos.</i>	<i>Ampla, pois tive uma disciplina que me ensinou maior número possível de religiões para não ser leiga, dentro delas e poder ajudar e compreender meus pacientes.</i>	<i>Não. porque não me interessa a fundo.</i>	<i>Não e sim, eu acabei me batizando por convenção social. Pois o que acredito é no relacionamento contínuo de devocional e buscar um relacionamento com Deus e paz dentro da fé que você exerce seja qual for.</i>
E6	<i>Uma dimensão da vida. Uma compreensão transcendente dos fatos da vida ordinária.</i>	<i>Através de uma disciplina focada especificamente no humano e no fenômeno religioso.</i>	<i>Tenho. Considero, como um leitor de Carl Gustav Jung, que a experiência humana completa só pode ser atingida através da ligação do homem com o transcendente.</i>	<i>Absolutamente. Entendendo em termos teóricos e práticos a sua distinção.</i>
E7	<i>Uma forma de interação e/ou interlocução com o transcendente. Não está restrita à religiosidade e tem a ver com a construção de uma vivência autêntica.</i>	<i>De forma não muito aprofundada.</i>	<i>Sim. Pois não se pode dissociar essa parte do ser, como algo independente ou até mesmo inexistente, ou seja, se faz parte do indivíduo, do ser que está colocado no mundo, precisa ser estudado.</i>	<i>Sim. Porque a espiritualidade ultrapassa os limites da religiosidade, a meu ver, diz respeito ao entendimento do nosso lugar no mundo e nossa relação com o transcendente, que de acordo com a religião (crença) de cada um receberá um nome (Deus, Alah, Jah, etc.).</i>
E8	<i>Acredito em Deus como criador de todas as coisas.</i>	<i>Não foi abordada.</i>	<i>Sim, acredito que seja muito importante para o equilíbrio psíquico.</i>	<i>Sim, a religiosidade é externa. A espiritualidade é subjetiva.</i>

PSICÓLOGO	Qual a sua concepção sobre espiritualidade humana?	Como foi abordada a espiritualidade humana em sua formação acadêmica?	Você tem interesse em apreender mais sobre a espiritualidade humana? Se sim, por quê? Se não, por quê?	Há como lidar com a espiritualidade sem relacioná-la com religiosidade/religião? Se sim, como?
E9	<i>Sua importância depende de cada ser humano. Para uns é estruturante da personalidade e importantíssima para vida. Para outras pessoas não.</i>	<i>Como algo que é estruturante da personalidade das pessoas e fazendo parte da cultura da comunidade. Importante mecanismo de controle social. Não é algo que todo ser humano tem que valorizar para estar saudável.</i>	<i>Sim. Como psicólogo devo respeitar a espiritualidade do meu cliente independente de qual seja. Como é assunto recorrente no processo terapêutico o profissional precisa conhecer sobre. Porém deve-se respeitar a espiritualidade de cada pessoa e não impor essa temática por exemplo para uma cliente agnóstico.</i>	<i>Sim. Muitas pessoas cuidam e acreditam na espiritualidade seja ela cristã, espírita ou crendo em orixás. Energia cósmica, cristais. Etc e não necessariamente seguem alguma religião ou organização religiosa. Acabei de atender um morador de rua que fala o tempo todo em Deus e diz não aceitar nenhuma religião.</i>
E10	<i>Capacidade inerente ao ser humano em contato com o divino, em busca de transcendência.</i>	<i>Não foi.</i>	<i>Sim. Com parcimônia. Sou muito crítica em relação a mistura que alguns estão fazendo da prática clínica com religião.</i>	<i>Sim. O que importa é o contato que a pessoa se permite ter com a própria transcendência.</i>
E11	<i>Necessária para equilíbrio do ser como um todo!! Estudos mostram a importância da relação espiritual do ser para seu bem-estar.</i>	<i>Na formação acadêmica, ã foi. Pois qdo me formei ã era permitido falar sobre este aspecto do ser.</i>	<i>Sim!! Sempre busquei conhecer mais e fiz especialização em Psicologia Transpessoal.</i>	<i>Sim!!! Francesc Torralba aborda em seu livro : Inteligência Espiritual , o qto isso é possível. Inclusive ele é ateu! Com a expansão de conhecimento, pesquisas , tem sido abordado o ser enqto energia , e a espiritualidade é energia . As correntes espiritualistas abordam muito o tema sem citar religiosidade e ou religião.</i>

Nesse bloco as respostas indicaram ser presente em alguns profissionais a compreensão de que espiritualidade é religiosidade, tanto na primeira pergunta quanto na quarta, há respostas que trazem até percepções pessoais: E1 e E8 disseram acreditar em Deus e E5 expressa que se batizou, mas que “é no relacionamento contínuo de devocional e buscar um relacionamento com Deus e paz dentro da fé que você exerce seja qual for” (sic). O que chama a atenção é que entre aqueles que na sua formação acadêmica tiveram a presença do tema espiritualidade abordado, até no nome da matéria há uma identificação com religiosidade (E6 – humano e fenômeno religioso). A resposta de E9 trouxe a máxima de que durante sua formação lhe foi dito que “Não é algo que todo ser humano tem que valorizar para estar saudável.” (sic), o que se opõe com o que as teorias citadas neste trabalho revelam.

As respostas dadas ao bloco de perguntas sobre a prática clínica, que tinham por objetivo identificar as possíveis implicações sobre a compreensão do psicólogo sobre a espiritualidade humana em sua conduta clínica, estão na tabela 3.

TABELA 3: Respostas ao bloco de perguntas sobre a prática clínica.

PSICÓLOGO	Quais são os limites que você enfrenta no que se relacione à espiritualidade em sua conduta clínica?	Você procura evitar a espiritualidade com o seu cliente/paciente? Se não evita, o que estimula você a seguir tal caminho? Se sim, por que evita?	Para você é importante abordar sobre a espiritualidade com o seu cliente/paciente?
E1	<i>Não enfrento limites.</i>	<i>Depende do paciente.</i>	<i>Não.</i>
E2	<i>Ñ tenho.</i>	<i>Ñ evito. Deixo bem a vontade.</i>	<i>Vai depender dele.</i>
E3	<i>Não tenho dificuldades.</i>	<i>Respeito conforme cada paciente.</i>	<i>Depende do caso.</i>
E4	<i>A princípio nenhum. Ligo com essa questão com muita tranquilidade no consultório.</i>	<i>Não preciso evitar.</i>	<i>Sim, porque tudo o que é importante para meu cliente é importante pra mim.</i>
E5	<i>Eu tenho muita dificuldade e já tive, quando tive que atender alguém da mesma religião que eu. Completamente cega por diretrizes de igreja e convenções sociais. O que nada tinha haver com relacionamento com Deus. Ao meu olhar.</i>	<i>Deixo a sessão fluir de acordo com a demanda do paciente, ainda como estagiária de clínica.</i>	<i>Se for importante pra ele, acho que deve ser dito.</i>
E6	<i>Entendo, assim como postula nosso código, não ser meu papel adoçar ou amargar nenhuma postura religiosa advinda do analisando.</i>	<i>Não evito nem estímulo, o conteúdo vem do analisando. A espiritualidade não chega a clínica apenas através da religião.</i>	<i>Quem me dirá será ele.</i>
E7	<i>Ainda não tive nenhuma questão que pudesse caracterizar como limite.</i>	<i>Não. Partindo da premissa que o espaço é para acolher as questões do cliente, procuro dar abertura para que ele (a) coloque as questões que julga pertinente.</i>	<i>Se for uma questão importante para ele, sim.</i>
E8	<i>Nenhum.</i>	<i>Não. O estímulo vem do próprio paciente.</i>	<i>Não.</i>
E9	<i>Na minha conduta clínica não revelou minha religião ou espiritualidade. Sou da religião do meu cliente e só abordo os assuntos quando meu cliente trás como demandas terapêutica dele. Não misturo psicologia com religião. Mas já atendi pastores, padre, e agnósticos com suas questões de fé. Para mim todos são tratados da mesma forma sendo usado os arcabólios da psicologia como base de intervenção.</i>	<i>Eu só abordo os assuntos que meus clientes trazem como demandas. Se eles trazem conflitos relacionados a sua fé ou religião essa temática se torna objeto das sessões. Se eles não trazem não há porque abordar e misturar religião com psicologia. Não imponha práticas religiosas como prática terapêutica. Porém se meu cliente segue uma religião, seja ela qual for, e isso for importante para ele. Eu estímulo que ele frequente. Por que especificamente nestes casos a religião se torna importante para este perfil de cliente inclusive auxilia na cura. Práticas religiosas não devem ser impostas por psicólogos para quem já não as tem.</i>	<i>Somente se para o cliente isso for significativo e se ele trazer essa semana como já sendo algo que ele pratique e acredite. Como qualquer temática ela tem que estar em sintonia com a personalidade e valores do cliente. Caso a caso.</i>
E10	<i>Busco não misturar minhas concepções pessoais com as do cliente.</i>	<i>Não evito. Não alimento o que não chega espontaneamente. Penso que é um equívoco grave um terapeuta conduzir seu paciente conforme sua própria religião.</i>	<i>Sim, na medida que ele a considera.</i>

PSICÓLOGO	Quais são os limites que você enfrenta no que se relacione à espiritualidade em sua conduta clínica?	Você procura evitar a espiritualidade com o seu cliente/paciente? Se não evita, o que estimula você a seguir tal caminho? Se sim, por que evita?	Para você é importante abordar sobre a espiritualidade com o seu cliente/paciente?
E11	<i>Os limites de respeito ao outro. O que ele mostra ser possível para ele, saber, absorver, elaborar.</i>	<i>Minha forma de cuidar, é acolher e ouvir o outro em suas demandas, angústias.... se surge o tema, acolho, sem julgar ou induzir a alguma ideia.</i>	<i>Mostra, do que busca, do que quer saber, conhecer e se quer....</i>

As respostas revelam novamente uma incompreensão por parte de alguns aos questionamentos feitos, pois trouxeram para uma identidade privada o que disseram, como E5, que disse considerar ter dificuldades em sua conduta clínica não por causa de questões éticas, mas por não coadunar com o relato que escutava, disse que a pessoa estava “completamente cega” (sic) por questões eclesiais e que não era relacionado a Deus. No entanto, a grande maioria externou compreender quais são os limites éticos envolvidos no processo clínico, principalmente no que tange em permitir que os que são por eles atendidos tenham liberdade de expressar o que desejarem, sem que sejam julgados ou impedidos.

4 CONCLUSÃO

"É possível dar às pessoas existencialmente frustradas um sentido para a sua vida? Não, não podemos fazê-lo. Podemos, quando muito, tentar compreendê-la. E eu começaria por ressaltar que não é possível dar sentido, mas somente encontrar o sentido."
(Viktor Frankl)

No início deste trabalho foi dito que o ser humano é confrontado com sua existência única, sendo-lhe possível exercitar o olhar para fora dela (ou ser forçado pelas contingências do ser e estar a isso), levando a perceber que não é uma máquina, um corpo sem alma. E isso resultará em questionamentos no existir, onde a principalmente pergunta, essência de muitas outras, é: Qual é o sentido?

Ainda na Introdução se tem a questão motriz da pesquisa realizada: Identificar quais eram as concepções sobre espiritualidade que psicólogos clínicos de Itaperuna, RJ, possuíam e como isso interferiria em suas práticas clínicas.

No capítulo 1 foi exposto, não de modo exaustivo, o fundamento teórico sobre o conceito de espiritualidade, com uma curta linha histórica e o que sobre ele se compreende dentro da Psicologia. No entanto, este trabalho buscou, também, trazer a teoria frankliniana sobre espiritualidade. Viktor Frankl aprofundou em seus estudos a compreensão sobre as dimensões humanas, identificando a espiritualidade como sendo aquela que leva o homem a ser-existencial, que irá diferenciá-lo dos seres animais e dos seres vegetais. E finalizando essa parte, foi dito que a religiosidade se apresenta como sendo uma forma da espiritualidade humana se externar, aquilo que a pessoa crê e pratica, sua religião.

Na segunda parte foi tratado o que seja a clínica — uma relação entre psicólogo e cliente/paciente —, e a importância da ética na prática exercida psicoterapeuticamente, pois no seu discurso de sofrimento o cliente/paciente deve ter a liberdade de externar tudo o que lhe acomete, bem como suas vivências e anseios. E ao trazer algo que possa perpassar pensamentos diferentes dos que o psicólogo possua, este não pode se valer do espaço clínico para induzir suas crenças e ideologias, nem mesmo se valer delas para poder realizar a conduta terapêutica.

Conclui-se, após análise entre o exposto teoricamente e a pesquisa de campo realizada, que há uma presença considerável entre os psicólogos entrevistados de uma identidade mais próxima ao senso comum do que a científica sobre o conceito de espiritualidade, pois a maioria apresentou respostas onde relacionaram a espiritualidade tão somente com a religião. Com base no dito sobre a presença do

tema na formação acadêmica, infere-se que a não apresentação da espiritualidade segundo os preceitos científicos possa ter ocasionado essa identidade conceitual, levando poucos deles a terem maior interesse em buscar o conhecimento sobre a matéria. E fica evidente que isso incide na compreensão ética sobre como lidar com a espiritualidade dentro da clínica psicoterápica, pelo fato deles não aplicarem terapeuticamente ações que propiciem a manifestação do ser-espiritual que vá para além da religiosidade, por temerem que esta seja a espiritualidade.

Finalizando, evidencia-se a importância em se promover mais pesquisas sobre a formação acadêmica dos psicólogos e sua compreensão sobre espiritualidade, bem como a necessidade de as academias promoverem em suas grades curriculares as matérias que possibilitem a ampliação qualitativa do conhecimento sobre o ser humano em suas diversas dimensões, formando profissionais que não naveguem pelo senso comum em determinados conceitos, como identificado nesta pesquisa. Sabendo-se que a clínica psicológica é um encontro e que ao cliente/paciente é dado um espaço de liberdade em expor não apenas o que lhe causa sofrimento, mas suas vivências, experiências, crenças e tudo mais que lhe conforma como pessoa, é de importância que o psicólogo possua um arcabouço de conhecimento que lhe possibilite o caminhar junto nesse mundo particular que lhe é apresentado. As questões éticas são priorizadas, sendo que além delas, ter mais saberes sobre o que seja o humano em suas dimensões e possibilidades de ser vão conferir ao psicólogo maior compreensão sobre o outro, bem como lidar com o que vier a perpassar sua própria história de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Angélica A. Silva de; ODA, Ana Maria G. R.; DALGALARRONDO, Paulo. **O olhar dos psiquiatras brasileiros sobre os fenômenos de transe e possessão.** Revista de Psiquiatria Clínica, n. 34, supl. 1. São Paulo, SP: 2007. pp 34-41. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a06v34s1.pdf>. Acessado em: 16 de maio de 2021.

AMENDOLA, Marcia Ferreira. **História da Construção do Código de Ética Profissional do Psicólogo.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, vol. 14, n. 2. Rio de Janeiro, RJ: 2014. pp. 660-685. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000200016&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 16 de maio de 2015.

ANGERAMI, Valdemar Augusto (Org.). **Espiritualidade e prática clínica.** Cengage Learning. São Paulo, SP: 2004. 263p.

CAMPOS, José Gomes. **Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde.** Revista Brasileira de Enfermagem, 57(5). Brasília, DF: setembro-outubro/2004. pp. 611-614. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>. Acessado em: 18 de maio de 2021.

CARVALHO, Joari Aparecido Soares de. **Sentido, ética, de cada um(a) e um caminho a chegar lá.** Coleção Psicologia, laicidade e as relações com a religião e a espiritualidade, vol. 3, Conselho Regional de Psicologia (CRP 06). São Paulo, SP: 2016. 306p. Disponível em: <https://www.crpsp.org/impresso/index?categoria=1&page=2&per-page=40>. Acessado em: 01 de abril de 2020.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 4ª edição, Cortez Editora. Biblioteca da Educação, Série 1 – Escola, volume 16. São Paulo, SP: 2000. Disponível em: http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas_em_Ciencias_Humanas_Sociais.pdf. Acessado em: 23 de maio de 2020.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **A patologização da normalidade.** Estudos em Psicanálise, n. 33. Belo Horizonte, MG: julho/2010. pp. 125-136. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000100013&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 24 de novembro de 2020.

CFP, Conselho Federal de Psicologia. **Código de Ética Profissional do Psicólogo.** Brasília, DF: agosto/2005. 20p. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>

COSTA CATRÉ, Maria Nazarete; FERREIRA, Joaquim Armando; PESSOA, Teresa; CATRÉ, Acácio; CATRÉ, Maria Costa. **Espiritualidade: contributos para uma clarificação do conceito.** Análise Psicológica, vol. 34, n. 1. Instituto Superior de

Psicologia Aplicada. Lisboa, Portugal: 2016. pp 31-46. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/877/pdf>. Acessado em: 01 de abril de 2020.

CUNHA, Vivian Fukumasu. **Religiosidade/espiritualidade (r/e) na prática clínica psicológica: experiências de psicoterapeutas**. Dissertação de mestrado em psicologia, Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, MG: 2017. 128p. Disponível em: <http://bdtd.ufm.edu.br/handle/tede/546>. Acessado em: 01 de abril de 2020.

DA COSTA, Julio Cesar Rhenius; WIGGERS, Eliz Marine; MAGALHÃES, Maria Balbina de; MOLINER, Juliane de. **Uma perspectiva dos profissionais de saúde sobre a espiritualidade e religiosidade em pacientes hospitalizados**. pp. 562-594 *In: CHIARATTI, Fernanda Germani de Oliveira et al. Das Organizações à religiosidade: interfaces em Psicologia? Psicologia e Organizações*, 21ª edição, Faculdade Avantis. Balneário Camboriú, SC: 2018. 594 p.

DOS SANTOS, Fernanda Marsaro dos. **Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin**. Resenha de: [BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] Revista Eletrônica de Educação, UFSCar, v. 6, n. 1. São Carlos, SP: maio de 2012. pp. 383-387. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acessado em: 19 de abril de 2020.

FLECK, Marcelo Pio Almeida da; BORGES, Zulmira Newlands; BOLOGNESI, Gustavo; DA ROCHA, Neusa Sica. **Desenvolvimento do WHOQOL, módulo espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais**. Revista Saúde Pública, v. 37, n. 4. São Paulo, SP: agosto de 2003. pp. 446-455. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102003000400009&lng=en&nrm=isso. Acessado em: 18 de abril de 2020.

FRANKL, Viktor Emil. **A Vontade de Sentido**. Tradução Ivo Studart Pereira. Editora Paulus, edição ampliada, 5ª reimpressão. São Paulo, SP: 2011. 222 p.

_____. **Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas**. Tradução Marco Antonio Casanova. Forense Universitária, 1ª. edição, 3ª. tiragem. Rio de Janeiro, RJ: 2017. 336 p.

_____. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Traduzido por Wlaler O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Editora Vozes, 44ª ed. Petrópolis, RJ: 2018. 184 p.

_____. **O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Tradução Renato Bittencourt, Karleno Bocarro. É Realizações, 1ª ed. São Paulo, SP: 2019. 368p.

_____. **Em busca de sentido:** um psicólogo no campo de concentração. Traduzido por Wlaler O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Editora Vozes, 44ª ed. Petrópolis, RJ: 2018. 184 p.

GODOY, Arlinda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2. São Paulo, SP: março-abril/1995. pp. 57-63. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acessado em: 18 de maio de 2021.

_____. **Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3. São Paulo, SP: maio-junho/1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acessado em: 18 de maio de 2021.

GOMES, Nilvete Soares; FARINA, Marianne; DAL FORNO, Cristiano. **Espiritualidade, religiosidade e religião: reflexão de conceitos em artigos psicológicos.** Revista de Psicologia da IMED, vol. 6, n. 2. Passo Fundo, RS: 2014. pp. 107-112. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/589>. Acessado em: 01 de abril de 2020.

LEITE, Imelidiane Silva; SEMINOTTI, Elisa Pinto. **A influência da espiritualidade na prática clínica em saúde mental: uma revisão sistemática.** Revista Brasileira de Ciências da Saúde, v. 17, n. 2. Fortaleza, CE: 2013. pp. 189-196. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs>. Acessado em: 28 de março de 2020.

LEMONS, Carolina Teles. **Espiritualidade, religiosidade e saúde: uma análise literária.** Caminhos, v. 17, n. 2. Goiânia, GO: maio/agosto-2019. pp. 688-708. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6939>. Acessado em: 01 de abril de 2020.

LOUSADA, Márcia Gouvêa. **A espiritualidade na obra de autores da psicologia, saúde e educação.** Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP: 2017. 351 f. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20585>. Acessado em: 03 de abril de 2020.

MACIEL, Willyans. **Filosofia pós-socrática.** InfoEscola, 2020. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/filosofia-pos-socratica/> Acessado em: 22 de maio de 2021.

MARTINS, Francisco. **Psicologia clínica e ética - Do objetivo deste trabalho: a íntima relação de fundação entre a psicologia clínica e a ética.** Psicologia: Ciência e Profissão. Vol. 9, no. 2. Brasília, DF: 1989. pp. 12-15. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000200006. Acessado em: 16 de maio de 2021.

MONTEIRO, Denise Barcellos da Rocha; JACÓ-VILELA, Ana Maria. **Fios, sedução e olhares:** os primórdios 'psis' nas terapias para corpos e mentes perturbados. pp

141-158 In JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruja Leal; PORTUGAL, Francisco – Orgs. História da Psicologia – rumos e percursos. Coleção Ensino de Psicologia, Nau Editora. Rio de Janeiro, RJ: 2006. p. 593.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; NEVES, Edwiges de Oliveira. **O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde.** Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 27, n. 4, p. 608-621, Dec. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-989320070004_00004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 26 de fevereiro de 2020.

NASCIMENTO, Ananda K. C. Nascimento; CALDAS, Marcus T. **Dimensão espiritual e psicologia: a busca pela inteireza.** Phenomenology, Humanities and Sciences, vol. 26, n. 1. Goiânia, GO: 2020. pp. 74-89. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672020000100008&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 01 de abril de 2020.

PANTALEÃO, Ana Paula Florêncio; BAIA, Ângela Fernandes. **A atuação do psicólogo clínico: ética e técnica em discussão.** Artigo publicado virtualmente em março de 2012. Disponível em: [https://psicologado.com.br/atuação /psicologia-clinica/a-atuacao-do-psicologo-clinico-etica-e-tecnica-em-discussao](https://psicologado.com.br/atua%C3%A7%C3%A3o/psicologia-clinica/a-atuacao-do-psicologo-clinico-etica-e-tecnica-em-discussao). Acessado em: 24 de junho de 2020.

PINTO, Cândida; PAIS-RIBEIRO, José Luís. **Construção de uma escala de avaliação da espiritualidade em contexto de saúde.** Arquivos de Medicina, v. 21, n. 2. Porto, Portugal: 2007. pp. 47-53. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087134132007000200002&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 18 de abril de 2020.

PIVATTO, Pergentino Stefano. **A questão do humano e o animal rationale.** Veritas, v. 51, n. 2. Porto Alegre, RS: junho/2006. pp. 117-127. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/279506049_A_questao_do_humano_e_o_animal_rationale. Acessado em: 15 de maio de 2021.

SANTOS, Adalberto Afonso Lima dos. **A clínica no século XXI e suas implicações éticas.** Psicologia: Ciência e Profissão, vol. 21, n. 4. Brasília, DF: 2001. pp. 88-97. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932001000400010. Acessado em: 16 de maio de 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo.** Editora Vozes, coleção Vozes de Bolso, 4a. edição. São Paulo, SP: 2014. pp 64.

SILVA, Édio Raniere da. **Psicologia clínica, um novo espetáculo: dimensões éticas e políticas.** Psicologia: Ciência e Profissão. Vol. 21, no. 4. Brasília, DF: 2001. pp. 78-87. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000400009&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 16 de maio de 2021.

STUDART, Ivo. **Tratado de Logoterapia e Análise Existencial**: Filosofia e sentido da obra na vida de Viktor Emil Frankl. Sinodal, 1 ed. São Paulo, SP: 2021. 382p.

WATANABE, Adriano; BRESSAM, Alessandra; PARDAL, Poliana P. M. **Conceitos do existencialismo vistos sob a ótica de Martin Heidegger**. Brasil Escola, 2020. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/filosofia/conceitos-existencialismo-vistos-martin-heidegger.htm>. Acessado em: 23 de maio de 2021.

ZANGARI, Wellington; MACHADO, Fátima Regina (Orgs). **Cartilha virtual de psicologia e religião**. Inter Psi – Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais, USP. São Paulo, SP: 2018. 56p. Disponível em: https://www.usp.br/interpsi/?page_id=368. Acessado em: 22 de maio de 2021.

ANEXOS

I TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA APLICAÇÃO DE ENTREVISTA	44
II DECLARAÇÃO DE ISENÇÃO ORÇAMENTÁRIA.....	46
III DECLARAÇÃO DE ACEITE DE ORIENTAÇÃO	47



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA APLICAÇÃO DE ENTREVISTA.

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE ESPIRITUALIDADE QUE OS PSICÓLOGOS DE ITAPERUNA/RJ POSSUEM E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA CLÍNICA” desenvolvida por **Ana Paula Lopes Pinheiro**, discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Redentor, sob orientação do professor **Davis Anzolin Lichote**.

O objetivo central do estudo é analisar as concepções teóricas de espiritualidade presentes na formação dos psicólogos.

O convite a sua participação se deve ao fato de você ser psicólogo clínico na cidade de Itaperuna, RJ, campo focal da pesquisa pretendida.

Sua participação é inteiramente voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Todas as informações fornecidas por você terão inteira confidencialidade e privacidade, pois todos os dados que possam identificar sua participação serão omitidos ou trocados por outros que nada tenham a ver com você como pessoa. Sua participação consistirá em responder ao roteiro de perguntas que atendem ao objetivo da pesquisa, cuja aplicação, por parte da pesquisadora principal, durará em média 50 minutos. Suas respostas serão gravadas e posteriormente transcritas para serem apagadas. As transcrições serão mantidas em arquivos digitais protegidos por senha, cuja posse é exclusiva da pesquisadora principal. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo compondo um banco de dados, guardados sigilosamente por tempo indeterminado, conforme Resolução n. 466/2012 e orientações do Comitê de Ética em Pesquisa da UniRedentor.

A qualquer momento, durante a pesquisa ou posteriormente, você poderá solicitar da pesquisadora informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. A pesquisa não oferece riscos para sua saúde ou integridade física. No entanto, caso você sinta algum incômodo em relação ao teor das perguntas, você deverá sinalizar à pesquisadora, que procederá ao acolhimento e, se necessário, encaminhá-lo para serviços especializados disponibilizados pela UniRedentor.

O benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa estão relacionados com o levantamento de dados e informações e conhecimentos sobre a dimensão espiritual humana, promovendo ampla discussão sobre esse tema e constituindo um banco de dados dos resultados encontrados, para que sejam utilizados em estudos posteriores que possam ampliar o tema da pesquisa e, até mesmo, comprovar e/ou retificar resultados já publicados. Os resultados da pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e Trabalhos de Conclusão de Curso, dissertações ou teses.

PÁGINA 1 DE 2

Centro Universitário Redentor
BR 356, n. 25 – Cidade Nova – Itaperuna-RJ
CEP 28300-000 Tel.: (22) 3811-0111 ramal 333
<http://redentor.edu.br/institucional/cep>
e-mail: cep@redentor.edu.br

Rubrica pesquisadora: _____

Rubrica participante: _____

Este Termo será redigido em duas vias originais, para que uma fique de posse da pesquisadora (ou pessoa por ela delegada e sob sua responsabilidade) e outra com o(a) participante da pesquisa.

Todas as páginas deverão ser rubricadas por ambos, com suas respectivas assinaturas apostas na última página.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com a pesquisadora ou com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Redentor, cujos dados seguem abaixo. O Comitê de Ética é uma instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o Comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto, de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Nome e Assinatura da Pesquisadora de Campo

Contato com a pesquisadora responsável:

Nome: **Ana Paula Lopes Pinheiro**

Tel.: **(22) 99853-6083**

e-Mail: **anaplpo.72@gmail.com**

Itaperuna, RJ, __ de _____ de 20__.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar, bem como autorizo a gravação da entrevista.

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

Nome: _____

Tel.: _____

e-Mail: _____

II



DECLARAÇÃO DE ISENÇÃO ORÇAMENTÁRIA

Declaro para os devidos fins que a pesquisa intitulada “AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE ESPIRITUALIDADE QUE OS PSICÓLOGOS DE ITAPERUNA/RJ POSSUEM E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA CLÍNICA”, sob a responsabilidade de **Ana Paula Lopes Pinheiro**, discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Redentor, sob orientação do professor **Davis Anzolin Lichote**, a ser realizada no Centro Universitário Redentor, NÃO prevê nenhum tipo de remuneração aos pesquisadores envolvidos nem exige alocação de recursos financeiros para o desenvolvimento do mesmo, sendo regido sob os termos da Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Itaperuna, RJ, 18 de junho de 2020.

Nome e Assinatura da Pesquisadora de Campo

Contato com a pesquisadora responsável:

Nome: **Ana Paula Lopes Pinheiro**

Tel.: **(22) 99853-6083**

e-Mail: **anaplpo.72@gmail.com**

III

DECLARAÇÃO ACEITE DE ORIENTAÇÃO

Eu, DAVIS ANZOLIN LICHOTE, docente do curso de PSICOLOGIA da UNIRENTOR, portador do CPF (ou CIC) n. 111.936.747-60 residente à avenida Mario Manhães de Andrade n. 228, bairro Parque Aurora, na cidade de Campos dos Goytacazes, CEP 28026-110, no estado do Rio de Janeiro, Brasil, declaro para os devidos fins que recebi da aluno ANA PAULA LOPEZ PINHEIRO, discente do curso de Psicologia, portador do CPF (ou CIC) n. 011.648.714-81, residente à Rua Pedro Roque da Silva n. 21 casa B, bairro Aeroporto, na cidade de Itaperuna, CEP 28300-000, no estado do Rio de Janeiro, o pré-projeto de trabalho de conclusão de curso com título "AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE ESPIRITUALIDADE QUE OS PSICÓLOGOS DE ITAPERUNA/RJ POSSUEM E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA CLÍNICA", no dia 18 de junho de 2020 e que aceitei seguir com a orientação do mesmo no próximo semestre.

O pré-projeto do aluno citado consiste em uma pesquisa com seres humanos e necessita da aprovação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), (com inscrição via plataforma Brasil), para sua viabilização. Tendo em vista as especificidades vividas no país, no período de quarentena pelo COVID-19, não foi possível a realização de todos os trâmites e assinaturas de documentos para a inscrição do Pré-projeto na plataforma do CONEP. Declaro para os devidos fins que, assim que for obtido todos os documentos exigidos para a referida submissão, comprometo-me em realizar a inscrição do projeto de pesquisa.

Itaperuna, 18 de junho de 2020.

Docente: DAVIS ANZOLIN LICHOTE




Discente: ANA PAULA LOPEZ PINHEIRO



APÊNDICE

I ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA.....	46
--	----



UniREDENTOR
Centro Universitário

ROTEIRO DE ENTREVISTA.

1. IDENTIFICAÇÃO:

- a. Nome: _____
- b. Abordagem teórica: _____
- c. Há quanto tempo é psicólogo clínico? _____

2. SOBRE O CONCEITO DE ESPIRITUALIDADE:

- a. Qual a sua concepção sobre espiritualidade humana?
- b. Como foi abordada a espiritualidade em sua formação acadêmica?
- c. Você tem interesse em apreender mais sobre a espiritualidade humana?
 - Se sim, por quê?
 - Se não, por quê?
- d. Há como lidar com a espiritualidade sem relacioná-la com religiosidade/religião?
 - Se sim, como?

3. SOBRE AS IMPLICAÇÕES POSSÍVEIS NA CONDUTA CLÍNICA:

- a. Quais são os limites que você enfrenta no que se relacione à espiritualidade em sua conduta clínica?
- b. Você procura evitar a espiritualidade com o seu cliente/paciente?
 - Se não evita, o que estimula você a seguir tal caminho?
 - Se sim, por que evita?
- c. Para você é importante abordar sobre a espiritualidade com o seu cliente/paciente?